

A REPETIÇÃO NA OBRA DE ANTÔNIO AUGUSTO BUENO: a cabeça humana como ponto de partida

Por Ana Zavadil



Cabeças

Fechadas em si mesmas, desejos escondidos

Forma que aprisiona e depois liberta

Algo escondido nos vãos e desvãos

Experimentação poética, possibilidades infinitas

Cabeças de cujas bordas transbordam

Latentes tensões

A liberdade da linha

Que passeia, enlaça, procura

Nos fragmentos a aparição

Forma que impõe limites: um fora e um dentro

Materialidade que fala do impalpável

Quebra-cabeça!

Trama visual que seduz

Entre o achar e o perder: incertezas

Linha que vai do centro à periferia
Que lugar/não lugar é esse?
Passagem visível da linha ao sonho:sutilezas
Enigma: ver o não visível, andar na contramão
Perder-se no espaço/tempo
Desse mundo em rotação
Ato intencional desígnio/desenho
Linhas que levam por caminhos inimagináveis
Espírito errante: por quais cidades invisíveis passeia
Por onde anda esta cabeça?

O trabalho de Antônio Augusto Bueno apresenta-se como uma repetição do mesmo tema, no entanto, este processo serial busca, a cada novo trabalho, a diferença que surge a partir do gesto de riscar muitas vezes a linha, formando uma trama gráfica, que remete a jogos de entrelaçamentos.

O recurso da repetição é um marco no trabalho de Antônio e podemos considerá-lo como uma identidade, pois está presente em seus conjuntos de desenhos e pinturas. Como cada obra guarda características próprias e mantém, ao mesmo tempo, esta relação familiar com as demais, a repetição instaura diferenças e é uma tensão constante entre a necessidade de repetir e a impossibilidade de que isso realmente venha a acontecer.

No trabalho de Antônio a repetição surge através de uma mesma imagem: a da cabeça humana, usada como estrutura da obra e, também, retomada de uma obra à outra, onde a mesma forma se repete, porém, não na tentativa de repetir o mesmo, e sim na busca de diferenças. O artista, às vezes com o seu trabalho, está sempre atento às possibilidades do jogo e do acaso, pois são estes que, por sua vez, vão introduzir variações. E este é o conceito de repetição que interessa à arte: toda repetição é variação, mais ainda, como afirma Gilles Deleuze: "... toda repetição é transgressão." (1988, p.24).

No processo criativo o artista começa pelo mesmo ritual: o desenho da cabeça, geralmente de perfil e que nasce de um gesto quase único e vai alternando com a tinta. Esta camada fina de tinta branca (ou em tons terrosos) sobre o tecido ou o papel é colocada de maneira irregular, ela é espalhada deixando aparecer um pouco da tela ao fundo em alguns pontos. Esta alternância da mancha e da linha a grafite vai criando as camadas do desenho, como um inventário. Uma camada sobre a outra, gerando texturas, trazendo novas formas. A lógica interna do trabalho é conduzida pela cabeça, mas os novos elementos pontiagudos que surgem aos poucos vão ganhando vida própria e dando profundidade ao trabalho.

A imagem vai sendo criada pouco a pouco, imagem esta que recebe e devolve movimentos, pois sua linha é inquieta: dilui fronteiras; é labiríntica: cria imagens como pequenas ilhas feitas de muitas linhas; é imprevisível: hibridiza formas em constante mutação. A cabeça - forma inicial e fundante da obra - é abarcada pelas semelhanças / diferenças e vai além de qualquer resultado pré-estabelecido: a estrutura da obra se cria e se afirma no embate incansável de Antônio na busca da forma ideal. A articulação dos elementos entre si vai formando um mapa, os movimentos contíguos e contrastantes ao mesmo tempo (porque abre e fecha, para depois recomeçar) se fixam em cada detalhe sem perder de vista o todo. Os elementos, como diz Edith Derdyk, "... um se dissolvendo e se solidificando no outro (...) e tornando estes riscos provisórios uma dança rítmica, cheia de idas e vindas..." (2001, p.48-49). O espaço pictórico ou do desenho é construído com formas expressivas e com a linha repetível ao infinito.

Com tantos recursos tecnológicos disponíveis aos discursos artísticos, Antônio prefere criar seu trabalho com as próprias mãos: sua criação parte unicamente delas, desde a preparação da tela até a instauração da obra. Além disso, com elevada sutileza e propriedade, devidas a sua formação artística, cria também alguns pequenos textos sobre as séries que produz. São, algumas vezes, frases soltas, muito leves, mas de grande sensibilidade que complementam o que vemos, trazendo uma nova percepção em relação ao trabalho. O fato do artista que escreve sobre o seu trabalho é importante nos dias de hoje, onde cada vez mais se exige esta reflexão do artista sobre o seu processo de criação.

O embate entre Antônio e o seu trabalho é vital: é dessa comunhão que surge a energia criadora que faz nascer a forma, a expressividade, o espaço. Suas figuras humanas projetam-se para fora dos limites da superfície plana tomando forma tridimensional e passando a habitar esculturas, porque Antônio é inquieto e brinca com a multiplicidade de suas combinações indo do desenho/pintura (enquanto seca a tinta) para a modelagem de uma escultura. Depois ele volta ao desenho e, num caminho agora inverso, o que é massa, volume, torna-se puro exercício de liberdade: a linha passeia, cria volumes na superfície do papel ou da tela, cria sonhos que nos fazem ver o não-visível, o não-palpável. Podemos nos enredar em sua teia de linhas caso não estejamos preparados para absorvê-la. Em um trecho de texto sobre a trama de linhas Allan Kraprow diz que: “Podemos nos emaranhar na teia até certo ponto e, fazendo movimentos para fora e para dentro do entrelaçamento de linhas e manchas derramadas, podemos experimentar um tipo de extensão espacial”. (2006, p.43). Esta é a sensação que nos envolve na obra de Antônio: a trama vai para além dos limites do desenho e/ou pintura, e nós vamos junto, conduzidos pela sensibilidade e intuição do artista.

A obra de Antônio ganha uma nova conotação, dependendo do olhar de quem as contempla, pois cada um de nós acha ali o que pretende encontrar, seja na profusão dos detalhes, seja na viagem que a linha percorre num ir e vir incessante (ora ela se apresenta leve e solta, ora com força e densidade causada pela saturação e/ou sobreposição). É como se navegássemos num mar revolto, onde não sabemos como nem aonde iremos chegar. O prazer do percurso, no entanto, consiste em tentar desvendar os mistérios que levam Antônio a construir esse liame de linhas que estruturam o conjunto das imagens. O que são estas pequenas ilhas que com tamanha sutileza desviam nosso olhar de um ponto a outro e aonde elas nos conduzirão, enfim? Eu diria que são caminhos mágicos que percorremos através destas linhas, pois, elas nos inquietam e, paralelamente, nos passam uma sensação de liberdade, de sonho. Os recursos técnicos nos causam surpresas inesperadas instigando nosso inconsciente, criando expectativas, porque estas imagens possuem figuração: vemos ali a forma da cabeça, entretanto ela está em meio a um mundo imaginário criado através do desdobramento das linhas. Esta miscigenação envolve duas partes: consciente e inconsciente de maneira concomitante.

O vocabulário plástico visual de Antônio Augusto Bueno forma uma imagem sedutora, a construção dos desenhos é rica e nos encanta: ele só precisa de linhas e de formas para transmitir a singularidade de sua obra. O tema movimenta-se e repete-se num continuum de trabalho nos mostrando que as transformações vão advindo do seu fazer. As escolhas particulares e a dedicação no processo de feitura da obra parecem nos dar indícios de que em breve vamos ver uma ruptura da forma-tema em um novo mundo de formas pulsantes criadas pelo artista.

Notas

1. Ana Zavadil- Bacharel em História, Teoria e Crítica de Arte –Instituto de Artes- Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Referências

1. DELEUZE, Gilles. Diferença e repetição. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

2. DERDYK, Edith. Linha de horizonte: por uma poética do ato criador. São Paulo: Escuta, 2001.
3. KAPROW, Allan. O legado de Jackson Pollock. In: COTRIN, Cecília; FERREIRA, Glória. (orgs). Escritos de artistas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.